



ESSE
RELATÓRIO FOI
PRODUZIDO EM
COLABORAÇÃO
COM:

ZSL
Zoological
Society
of London



RELATÓRIO PLANETA VIVO 2024

Um Sistema em Perigo

WWF

O WWF é uma organização de conservação independente, com mais de 38 milhões de seguidores e uma rede global ativa com lideranças locais em mais de 100 países. A missão do WWF é deter a degradação do meio ambiente natural do planeta e construir um futuro em que as pessoas vivam em harmonia com a natureza, conservando a diversidade biológica mundial, garantindo que o uso de recursos naturais renováveis seja sustentável e promovendo a redução da poluição e do consumo exagerado.

Instituto de Zoologia ZSL (Sociedade Zoológica de Londres)

Fundada em 1826, a ZSL é uma instituição beneficente internacional para a conservação, liderada pela ciência, que trabalha para restaurar a vida selvagem no Reino Unido e em todo o mundo, protegendo espécies críticas, restaurando ecossistemas, ajudando as pessoas e a vida selvagem a viverem juntas e inspirando o apoio à natureza. Com os nossos principais zoológicos de conservação, Londres e Whipsnade, aproximamos as pessoas da natureza e usamos a nossa experiência para proteger a vida selvagem hoje, inspirando o amor aos animais ao longo da vida nos conservacionistas de amanhã.

A ZSL gere o Índice Planeta Vivo (LPI) em parceria colaborativa com o WWF.

Citação

WWF (2024) *Relatório Planeta Vivo 2024 – Um Sistema em Perigo*. WWF, Gland, Suíça.

Design e infografia por: Weirdesign

Imagem da capa: © pilli / Adobe Stock

ISBN: 978-2-88085-319-8

Living Planet Report® and *Living Planet Index*® são marcas registradas do WWF Internacional.

Agradecimentos

Equipe editorial

Rebecca Shaw (WWF-Global Science): Editora-chefe
Kimberley Marchant (WWF-Global Science): Editora-executiva
Amanda Kegu (WWF-Global Science): Gerente Editorial
Alex Batka (WWF-Global Science): Editor
Kate Graves (WWF-Global Science): Gerente de Produção
Samantha Cheng (WWF-Global Science): Chefe de Evidências
Mabel Baez Schon, Emily Mills e Nasser Olwero (WWF-Global Science): Apoio editorial
Barney Jeffries (swim2birds.co.uk): Redator e editor
Sylvia Weir (Weirdesign): Design gráfico

Comitê de direção

Zach Abraham (WWF Internacional), Mike Barrett (WWF-Reino Unido), Katie Gough (WWF Internacional), Chris Hallam (WWF-Grande Mekong), Else Hendel (WWF-Noruega), Aimée Leslie (WWF-Peru), Rebecca Shaw (WWF-Global Science) e Jeff Worden (WWF Internacional)

Autores

Maud Abdelli (WWF-Suíça), Zach Abraham (WWF Internacional), Dominic Andradi-Brown (WWF-Estados Unidos), Mike Barrett (WWF-Reino Unido), Nathan Bennett (WWF-Global Science), Becky Chaplin-Kramer (WWF-Global Science), Samantha Cheng (WWF-Global Science), Stefanie Deinet (Sociedade Zoológica de Londres), Robin Freeman (Sociedade Zoológica de Londres), Sarah Glaser (WWF-Estados Unidos), Rachel Golden-Kroner (WWF-Estados Unidos), Brent Loken (WWF-Global Science), Valentina Marconi (Sociedade Zoológica de Londres), Louise McRae (Sociedade Zoológica de Londres), Ravic Nijbroek (WWF-Holanda), Jeff Opperman (WWF-Global Science), Pablo Pacheco (WWF-Global Science), Hannah Puleston (Sociedade Zoológica de Londres), Stephanie Roe (WWF-Global Science), Lucia Ruiz (WWF-Estados Unidos), Kirsten Schuijt (WWF Internacional), Abel Valdivia (WWF-Estados Unidos), Aaron Vermeulen (WWF Internacional) e Daniel Viana (WWF-Estados Unidos)

Colaboradores do WWF

Este relatório é resultado de uma ampla consulta e contribuições dos nossos colegas em toda a Rede WWF. A equipe do WWF ofereceu os seus conhecimentos, perícia e feedback sobre o conteúdo deste Relatório Planeta Vivo. Manifestamos nossa profunda gratidão e respeito pelas suas valiosas contribuições para este relatório.

Agradecimento especial

Somos gratos pela valiosa percepção e contribuição dos nossos colaboradores na Universidade de Exeter: Jesse Abrams, Tim Lenton, Tom Powell e Steve Smith, bem como as conselheiras Rosamunde Almond e Winnie De'Ath.

Gostaríamos também de agradecer a todos os que gentilmente adicionaram dados à Base de Dados Planeta Vivo (www.livingplanetindex.org) e especificamente àqueles que apoiaram a coleta de dados nos últimos dois anos: dados do Brasil: Filipe Serrano (Universidade de São Paulo, Brasil) e Helga Correa Wiederhecker (WWF-Brasil); dados de peixes migratórios de água doce: Zeb Hogan (Universidade de Nevada, Estados Unidos), Samol Chhuoy (Universidade Real de Agricultura e Universidade Real de Phnom Penh, Camboja) e Peng Bun Ngor (Universidade Real de Agricultura, Camboja). Também gostaríamos de agradecer aos participantes da oficina de desenvolvimento do Índice Planeta Vivo (LPI na sigla em inglês) realizado na ZSL em setembro de 2023 e suas contribuições para as recomendações de curto e longo prazos para o desenvolvimento do LPI.





RELATÓRIO PLANETA VIVO 2024

Um Sistema em Perigo

SUMÁRIO EXECUTIVO



Quando os impactos cumulativos atingem um limiar, a mudança torna-se ilimitada e incessante, resultando numa transformação substancial, muitas vezes abrupta e potencialmente irreversível – um ponto de não retorno.

A natureza está sendo perdida – com enormes implicações para todos nós

A biodiversidade sustenta a vida humana e mantém nossas sociedades. No entanto, cada indicador que acompanha o estado da natureza numa escala global mostra um declínio.

Nos últimos 50 anos (1970–2020), o tamanho médio das populações de animais selvagens monitorados diminuiu em 73%, conforme medido pelo Índice Planeta Vivo (LPI). A cifra vem de quase 35 mil tendências populacionais de 5.495 espécies de anfíbios, aves, peixes, mamíferos e répteis. As populações de água doce sofreram os declínios mais severos, diminuindo em 85%, seguidas pelas populações de espécies terrestres (69%) e marinhas (56%).

Em nível regional, as quedas mais rápidas têm sido observadas na América Latina e no Caribe – um decréscimo preocupante de 95% – seguidas por África (76%) e Ásia e Pacífico (60%). Os declínios têm sido menos dramáticos na Europa e na Ásia Central (35%) e na América do Norte (39%), mas isso reflete o fato de que os impactos em larga escala na natureza já eram aparentes antes de 1970 nessas regiões: algumas populações estabilizaram ou aumentaram seus números graças aos esforços de conservação e à reintrodução de espécies. A perda e degradação do habitat, impulsionada principalmente pelo nosso sistema alimentar, é a ameaça mais relatada em cada região, seguida pela superexploração, espécies invasoras e doenças. Outras ameaças incluem a mudança climática (mais citada na América Latina e no Caribe) e a poluição (particularmente na América do Norte, Ásia e Pacífico).

Ao monitorar as mudanças no tamanho das populações de espécies ao longo do tempo, o LPI é um indicador de alerta precoce para o risco de extinção e ajuda-nos a compreender a saúde dos ecossistemas. Quando uma população cai abaixo de um certo nível, essa espécie pode não ser capaz de desempenhar o seu papel habitual dentro do ecossistema – seja a dispersão de sementes, a polinização, o pastoreio, a ciclagem de nutrientes ou os muitos outros processos que mantêm os ecossistemas operantes. Populações estáveis em longo prazo proporcionam resiliência contra distúrbios como doenças e eventos climáticos extremos. Um declínio nas populações, como mostrado no LPI global, diminui a resiliência e ameaça o funcionamento do ecossistema. Por sua vez, esses fatores enfraquecem os benefícios que os ecossistemas proporcionam às pessoas – que vão desde a alimentação, a água potável e o armazenamento de carbono para um clima estável até as contribuições mais abrangentes que a natureza faz para o nosso bem-estar cultural, social e espiritual.

Pontos de não retorno perigosos estão mais próximos

O LPI e indicadores semelhantes mostram que a natureza está desaparecendo a um ritmo alarmante. Embora algumas mudanças possam ser pequenas e graduais, seus impactos cumulativos podem desencadear uma mudança maior e mais rápida. Quando os impactos cumulativos atingem um limiar, a mudança se torna ilimitada e incessante, resultando numa transformação substancial, muitas vezes abrupta e potencialmente irreversível. É o que chamamos de ponto de não retorno.

No mundo natural, a chegada a uma série de pontos de não retorno é muito provável se as tendências atuais forem deixadas como estão, com consequências potencialmente catastróficas. Elas incluem pontos de não retorno globais que representam graves ameaças à humanidade e à maioria das espécies, e que danificariam os sistemas de apoio à vida na Terra e desestabilizariam as sociedades em toda parte. Os sinais de alerta precoce indicam que vários pontos de não retorno globais se aproximam rapidamente:

- Na biosfera, a **morte em massa dos recifes de coral** destruiria a pesca e a proteção contra tempestades para centenas de milhões de pessoas que vivem nas áreas costeiras. O **ponto de não retorno da Floresta Amazônica** liberaria toneladas de carbono para a atmosfera e interromperia os padrões climáticos em todo o mundo.
- Na circulação oceânica, o **colapso do giro subpolar**, uma corrente circular ao sul da Groenlândia, alteraria drasticamente os padrões climáticos na Europa e na América do Norte.
- Na criosfera (as partes congeladas do planeta), o **derretimento dos lençóis de gelo da Groenlândia e da Antártica Ocidental** elevaria em muitos metros o nível do mar, enquanto o **descongelamento em larga escala do permafrost** provocaria vastas emissões de dióxido de carbono e metano.



Os pontos de não retorno globais podem ser difíceis de compreender – mas já estamos vendo sua aproximação em níveis local e regional, com graves consequências ecológicas, sociais e econômicas:

- No oeste da América do Norte, uma combinação de infestação de besouros da casca do pinheiro (da família Scolytidae) e incêndios florestais mais frequentes e agressivos, ambos agravados pela mudança climática, está levando as florestas de pinheiros para um ponto de não retorno no qual elas serão substituídas por vegetação arbustiva e pradaria.
- Na Grande Barreira de Corais, o aumento das temperaturas do mar, juntamente com a degradação do ecossistema, levou a eventos de branqueamento em massa de corais em 1998, 2002, 2016, 2017, 2020, 2022 e 2024. Embora a Grande Barreira de Corais tenha demonstrado uma resistência notável até hoje, provavelmente perderemos 70–90% de todos os recifes de coral globalmente, incluindo a Grande Barreira de Corais, mesmo que possamos limitar o aquecimento climático a 1,5 °C.
- Na Amazônia, o desmatamento e as alterações climáticas estão causando redução nas chuvas, e o ponto de não retorno pode ser alcançado onde as condições ambientais se tornarem inadequadas para a floresta tropical, com consequências devastadoras para as pessoas, a biodiversidade e o clima global. O ponto de não retorno pode estar no horizonte se apenas 20% a 25% da Floresta Amazônica for destruída – e estima-se que algo entre 14% e 17% já tenha sido desmatada.

Em muitos casos, o equilíbrio é precário, mas os pontos de não retorno ainda podem ser evitados. Temos a oportunidade de intervir agora para aumentar a resiliência dos ecossistemas e reduzir os impactos das alterações climáticas e de outros fatores de estresse antes desses pontos serem alcançados.

Não estamos atingindo nossos objetivos globais

As nações do mundo definiram metas globais para um futuro próspero e sustentável, incluindo interromper e reverter a perda de biodiversidade (sob a Convenção sobre Diversidade Biológica, ou CDB), limitar o aumento da temperatura global a 1,5°C (sob o Acordo de Paris) e erradicar a pobreza e assegurar o bem-estar humano (nos termos dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, ou ODS). Mas, apesar dessas ambições globais, os compromissos e as ações nacionais estão muito aquém do necessário para cumprir as nossas metas para 2030 e evitar os pontos de não retorno que tornariam impossível alcançar os nossos objetivos. O cenário atual:

- Mais de metade das metas dos ODS para 2030 não serão cumpridas, com 30% delas estagnadas ou piorando a partir da linha de base de 2015.
- Os compromissos climáticos nacionais levariam a um aumento médio da temperatura global de quase 3°C até o final do século, desencadeando inevitavelmente múltiplos pontos catastróficos de não retorno.
- As estratégias e os planos de ação nacionais em matéria de biodiversidade são inadequados e não têm apoio financeiro e institucional.

Abordar isoladamente os objetivos climáticos, de biodiversidade e de desenvolvimento traz o risco de conflitos entre diferentes objetivos – como, por exemplo, entre o uso da terra para a produção de alimentos, a conservação da biodiversidade ou energias renováveis. No entanto, com uma abordagem coordenada e inclusiva, muitos conflitos podem ser evitados e os prejuízos minimizados e geridos. Enfrentar os objetivos de forma conjunta abre muitas oportunidades potenciais para conservar e restaurar simultaneamente a natureza, mitigar e adaptar-se às alterações climáticas e melhorar o bem-estar humano.



O tamanho do desafio exige transformação

Para manter um planeta vivo onde as pessoas e a natureza prosperem, precisamos de uma ação que atenda à escala do desafio. Precisamos de esforços de conservação mais numerosos e mais eficazes, ao mesmo tempo em que abordamos sistematicamente os principais causadores da perda da natureza. Isso exigirá uma verdadeira transformação dos nossos sistemas alimentares, energéticos e financeiros.

Transformando a conservação

Apesar do alarmante declínio geral das populações de animais selvagens demonstrado no LPI, muitas populações se estabilizaram ou aumentaram de tamanho como resultado dos esforços de conservação. Mas os sucessos isolados e que apenas suavizam o declínio da natureza não são suficientes. Da mesma forma, os esforços de conservação que não levam em conta os direitos, necessidades e valores das pessoas estão fadados a não alcançarem bons resultados no longo prazo.

As áreas protegidas têm sido a base dos esforços tradicionais de conservação, e atualmente cobrem 16% das terras do planeta e 8% dos oceanos – embora a sua distribuição seja desigual e muitas não sejam geridas de forma eficaz. A Meta 3 do Marco Global de Biodiversidade de Kunming-Montreal (GBF) exige que 30% das terras, águas e mar sejam protegidos até 2030, enquanto a Meta 2 visa a restaurar 30% das áreas degradadas até 2030. Essa é uma oportunidade única e imperdível para aumentar a conservação de forma eficaz e em níveis sem precedentes.

Os países precisam estender, reforçar, conectar e financiar adequadamente os seus sistemas de áreas protegidas, respeitando os direitos e as necessidades das pessoas afetadas. No entanto, a proteção formal nem sempre é a melhor abordagem, e é por isso que a meta do GDF também permite outras medidas eficazes de conservação baseadas em áreas, ou OECMs. Apoiar os direitos dos povos indígenas e das comunidades locais pode ser uma das formas mais eficazes de conservar a biodiversidade em escala. Um quarto da área terrestre global é tradicionalmente de propriedade, gestão, uso e/ou ocupação dos Povos Indígenas, o que inclui cerca de 35% da área que está formalmente em áreas protegidas e 35% das áreas terrestres intactas restantes.

Trabalhar com a natureza para abordar questões sociais específicas – conhecidas como soluções baseadas na natureza – também ajuda a promover as metas globais sobre clima, natureza e desenvolvimento sustentável. As soluções baseadas na natureza para a mitigação do clima têm o potencial de reduzir as emissões anuais de gases de efeito estufa em 10% a 19%, ao mesmo tempo em que beneficiam os ecossistemas e melhoram os meios de subsistência.

Transformando o sistema alimentar

O sistema alimentar global é intrinsecamente irracional. Ele vem destruindo a biodiversidade, esgotando os recursos hídricos do mundo e alterando o clima, mas não fornece a nutrição necessária às pessoas. Apesar da produção recorde, cerca de 735 milhões de pessoas vão dormir com fome todas as noites. As taxas de obesidade sobem, mesmo que quase um terço da população mundial não receba regularmente alimentos nutritivos suficientes. A produção de alimentos é uma das principais causadoras do declínio da natureza: ela usa 40% de todas as terras habitáveis, é a principal causa de perda de habitat, é responsável por 70% do uso da água e por mais de um quarto das emissões de gases de efeito estufa. Os custos ocultos da saúde em mau estado e da degradação ambiental no atual sistema alimentar elevam-se a US\$ 10-15 trilhões por ano, representando 12% do PIB global em 2020. Paradoxalmente, nosso sistema alimentar está minando a nossa capacidade de alimentar a humanidade agora e no futuro.

Embora o sistema alimentar seja o principal motor da degradação ambiental, ele não é adequadamente abordado nas principais políticas ambientais internacionais. Precisamos de uma ação coordenada para:

1. Aumentar a produção sustentável de comida suficiente para todos, e ao mesmo tempo permitir que a natureza floresça – otimizando de forma sustentável as safras da agricultura, a produtividade da pecuária, a colheita da pesca selvagem e a produção da aquicultura.
2. Garantir que todos no mundo tenham uma dieta nutritiva e saudável, produzida sem provocar pontos de não retorno – o que implicará mudar as escolhas alimentares, com mais alimentos à base de plantas substituindo produtos de origem animal na maioria dos países desenvolvidos, ao mesmo tempo em que se combate a subnutrição e a insegurança alimentar.
3. Reduzir a perda e o desperdício de alimentos – estima-se que entre 30% e 40% de todos os alimentos produzidos nunca sejam consumidos, representando cerca de um quarto do total de calorias globais, um quinto do uso de terra agrícola e água, e 4,4% das emissões globais de gases de efeito estufa.
4. Aumentar o apoio financeiro e promover a boa governança para sistemas alimentares sustentáveis, resilientes e positivos para a natureza – incluindo o redirecionamento de subsídios à agricultura e pesca prejudiciais ao meio ambiente para o apoiar a produção sustentável, a redução de perda de alimentos, melhorar o consumo e manter a alimentação acessível para todos.



**O nosso sistema alimentar
está minando a nossa
capacidade de alimentar
a humanidade agora
e no futuro.**



Transformando o sistema energético

A forma como produzimos e consumimos energia é o principal motor das alterações climáticas, com impactos cada vez mais graves nas pessoas e nos ecossistemas. Sabemos que temos de passar rapidamente dos combustíveis fósseis para as energias renováveis para reduzir as emissões de gases de efeito estufa pela metade em 2030 e manter a meta de 1,5°C dentro de nosso alcance. A transição energética deve ser rápida, verde e justa, colocando as pessoas e a natureza no centro.

Uma transformação mais rápida: Na última década, a capacidade global de energias renováveis duplicou e os custos para a energia eólica, solar e de baterias caíram até 85%. Mas, embora as tendências energéticas caminhem na direção certa, o ritmo e a escala ainda estão longe de onde precisam estar. Nos próximos cinco anos, precisamos triplicar o uso de energias renováveis, duplicar a eficiência energética, eletrificar de 20% a 40% dos veículos leves e modernizar as redes de energia. Isso exigirá o triplo de investimentos, de um valor estimado de US\$ 1,5 trilhão em 2022 para, pelo menos, US\$ 4,5 trilhões por ano até 2030.

Uma transformação mais verde: A transição energética deve ser consistente com a proteção e restauração da natureza. Sem um planejamento cuidadoso e salvaguardas ambientais, o desenvolvimento da energia hidrelétrica aumentará a fragmentação dos rios, o desenvolvimento da bioenergia poderá conduzir a uma mudança significativa no uso da terra, e as linhas de transmissão e a mineração de minerais críticos poderão ter impactos nos ecossistemas sensíveis da terra, da água doce e dos oceanos. É necessário um planejamento cuidadoso para selecionar as energias renováveis certas nos locais certos, evitar impactos negativos e simplificar o desenvolvimento energético sem diluir as salvaguardas ambientais.

Uma transformação mais justa: Mais de 770 milhões de pessoas ainda não têm acesso à eletricidade e quase 3 bilhões ainda queimam querosene, carvão, madeira ou outra biomassa para cozinhar. A falta de acesso a soluções modernas de energias renováveis contribui significativamente para a pobreza, o desmatamento e a poluição do ar dentro de casas – uma das principais causas de mortes prematuras que impactam as mulheres e crianças de forma desproporcional. Uma transição energética justa terá de assegurar que as pessoas tenham acesso a fontes de energia modernas e seguras, e que os benefícios e encargos sejam divididos de forma equitativa.



Globalmente, mais de metade do PIB (55%) é moderada ou altamente dependente da natureza e dos seus serviços.

Transformando o sistema financeiro

Redirecionar o financiamento de atividades prejudiciais para modelos de negócios e atividades que contribuam para os objetivos globais relativos à natureza, ao clima e ao desenvolvimento sustentável é essencial para garantir um planeta habitável e próspero.

Globalmente, mais de metade do PIB (55%) – ou cerca de US\$ 58 trilhões – é moderada ou altamente dependente da natureza e dos seus serviços. No entanto, o nosso sistema económico atual valora a natureza próximo a zero, levando à exploração insustentável de recursos naturais, à degradação ambiental e às mudanças climáticas. O dinheiro segue abundantemente investido em atividades que alimentam as crises climática e ambiental: financiamento privado, incentivos fiscais e subsídios que agravam as alterações climáticas, a perda de biodiversidade e a degradação dos ecossistemas são estimados em quase US\$ 7 trilhões por ano. Os fluxos financeiros positivos para soluções baseadas na natureza, em comparação, somam pouco mais de US\$ 200 bilhões. Ao redirecionar apenas 7,7% dos fluxos financeiros negativos, poderíamos satisfazer a lacuna de financiamento para soluções baseadas na natureza e proporcionar benefícios ao clima e ao bem-estar humano. Embora o financiamento global para o setor energético tenha atingido US\$ 1,3 trilhão em 2021/22, a necessidade é de impressionantes US\$ 9 trilhões por ano, aproximadamente, tanto para a mitigação como para a adaptação até 2030. Da mesma forma, a transição para um sistema alimentar sustentável exige aumentar de US\$ 390 bilhões a US\$ 455 bilhões anuais os investimentos de fontes públicas e privadas – o que ainda é menos do que os governos gastam todos os anos em subsídios agrícolas prejudiciais para o ambiente.

Preencher essas lacunas exige uma mudança sísmica em níveis global, nacional e local para fazer com que as finanças fluam na direção certa, ao invés de prejudicar o planeta. Podemos fazer isso de duas formas que se reforçam mutuamente. O *financiamento verde (financing green)* envolve a mobilização de financiamento para a conservação e o impacto climático em escala, exigindo novas soluções dos setores público e privado – incluindo fundos focados na conservação, títulos, empréstimos e produtos de seguros a investimentos de longo prazo em companhias e iniciativas que promovam a natureza. O *sistema financeiro verde (greening finance)* envolve o alinhamento de investimentos para atingir objetivos de natureza, clima e desenvolvimento sustentável, incluindo a contabilidade do valor da natureza e a abordagem sistemática dos riscos relacionados à natureza e ao clima.



Não é exagero dizer que o que acontecer nos próximos cinco anos vai determinar o futuro da vida na Terra.

Como fazer acontecer

Em cada edição do *Relatório Planeta Vivo* – WWF, vemos um novo declínio no estado da natureza e uma desestabilização do clima. Isso não pode continuar.

Não é exagero dizer que o que acontecer nos próximos cinco anos vai determinar o futuro da vida na Terra. Temos cinco anos para colocar o mundo numa trajetória sustentável antes que os resultados negativos da degradação da natureza e da mudança climática nos coloquem na descida de uma ladeira cheia de pontos de não retorno incontroláveis. O risco de fracasso é real – e as consequências são quase impensáveis.

Enquanto comunidade global, concordamos com um caminho a seguir. Os objetivos globais mostram onde queremos estar e o caminho que precisamos seguir. Todos nós – governos, empresas, organizações, indivíduos – precisamos seguir este caminho e estar prontos para responsabilizar aqueles que não o fazem.

Juntos, temos de ser bem-sucedidos. Temos apenas um planeta vivo e uma oportunidade para acertar.



Créditos das fotos

Página 3 © Wil.Amaya / Adobe Stock
Página 4 © Janos / Adobe Stock
Página 6 © The Ocean Agency / Adobe Stock
Página 7 © Wideangle Media / WWF Switzerland
Página 8 © viki2win / Shutterstock
Página 9 © Jochen Tack / Alamy Stock
Página 10 © Maxentius Donysius / WWF-Malaysia
Página 11 © Leonardo / Adobe Stock
Página 12 © Elly Miller / Adobe Stock
Contracapa © divedog / Adobe Stock

Escritórios da rede WWF

África do Sul	Finlândia	Paquistão
Alemanha	França	Papua Nova Guiné
Armênia	Gabão	Paraguai
Austrália	Geórgia	Peru
Áustria	Grécia	Polônia
Azerbaijão	Guatemala	Quênia
Bélgica	Guiana	Reino Unido
Belize	Holanda	República Centro-Africana
Butão	Honduras	República Democrática
Bolívia	Hong Kong	do Congo
Brasil	Hungria	República do Congo
Bulgária	Ilhas Salomão	Romênia
Camarões	Índia	Sérvia
Camboja	Indonésia	Singapura
Canadá	Itália	Suécia
Chile	Japão	Suíça
China	Laos	Suriname
Colômbia	Madagascar	Tailândia
Coreia	Malásia	Tanzânia
Croácia	México	Tunísia
Dinamarca	Moçambique	Turquia
Equador	Mongólia	Ucrânia
Eslováquia	Myanmar	Uganda
Espanha	Namíbia	Vietnã
Estados Unidos	Nepal	Zâmbia
Fiji	Noruega	Zimbábue
Filipinas	Nova Zelândia	

Associados do WWF

- Associação Natureza Portugal (Portugal)
- Emirates Nature (EAU)
- Fundación Vida Silvestre (Argentina)
- Pasaules Dabas Fonds (Letônia)

Detalhes da publicação

Publicado em outubro de 2024 pelo WWF – Fundo Mundial para a Natureza (anteriormente denominado Fundo Mundial da Natureza), Gland, Suíça (“WWF”).

Qualquer reprodução total ou parcial desta publicação deve respeitar as regras abaixo, além de mencionar o título e dar crédito ao editor supracitado como proprietário dos direitos autorais.

Recomendação de citação

WWF (2024) Relatório Planeta Vivo 2024 – Um Sistema em Perigo. WWF, Gland, Suíça.

Aviso para texto e gráficos: © 2024 WWF Todos os direitos reservados.

A reprodução desta publicação (exceto as fotos) para fins educacionais ou não comerciais é autorizada mediante notificação prévia por escrito ao WWF e reconhecimento apropriado, conforme definido acima. É proibida a reprodução desta publicação para revenda ou outros fins comerciais, a menos que seja concedida permissão prévia por escrito. A reprodução das fotos para qualquer finalidade está sujeita à autorização prévia por escrito do WWF.

Disclaimer

A designação de entidades geográficas e a apresentação do material não implicam a manifestação de qualquer opinião sobre a parte do WWF sobre o status legal de qualquer país, território ou área, ou de suas autoridades, ou sobre a delimitação de suas fronteiras ou limites.

RELATÓRIO PLANETA VIVO 2024

Um Sistema em Perigo

RELATÓRIO PLANETA VIVO 2024

Um Sistema em Perigo

© 2024

Papel 100% reciclado. © 1986
Panda símbolo do WWF –
Fundo Mundial para a Natureza
(anteriormente denominado
Fundo Mundial da Natureza)
® “WWF” é uma marca registada
do WWF. WWF, Rue Mauverney
28, 1196 Gland, Suíça.
Tel. +41 22 364 9111.
Fax. +41 22 364 0332.

Para mais informações e detalhes
de contato, por favor visite o
nosso website internacional em
livingplanet.panda.org.



Trabalhamos em defesa da natureza
pelas pessoas e pela vida selvagem

#JuntosÉpossível

wwf.org.br